

O gênesis ficcional de Lobato: a representação da natureza

Lobato's fictional genesis: the representation of nature

Vanessa Hey*
vani_de_paula@hotmail.com
Universidade Federal do Paraná

RESUMO: O conto “Era no Paraíso...” (1923), de Monteiro Lobato, se constrói como uma paródia do Gênesis bíblico. Influenciado pela teoria darwiniana, o narrador nos mostra o desenvolvimento dos seres, em especial, do ser humano, como um “descender com modificações”, que explica o seu comportamento frente às questões da vida e, por conseguinte, da natureza. No conto, a reação da natureza, que somente ocorre como projeção no futuro, está intimamente ligada às ações humanas; aquilo que antes era representado de forma harmoniosa transforma-se drasticamente, graças ao chamado ‘progresso’ da humanidade, em um cenário apocalíptico. Dialogando com textos de Darwin e Benjamin, a presente leitura privilegia a análise da forma como o texto lobatiano representa a natureza, adotando, nessa investigação, um viés ecocrítico.

PALAVRAS-CHAVE: Monteiro Lobato. *O macaco que se fez homem*. Era no Paraíso. Ecocrítica.

ABSTRACT: The short story “Era no Paraíso...” (1923), by Monteiro Lobato, is constructed as a parody of the biblical Genesis. Influenced by Darwinian theory, the narrator shows us the development of beings, especially human beings, as a “descend with modifications”, which explains their behavior in the face of life issues and, therefore, of nature. In the tale, the reaction of nature, which only occurs as a projection into the future, is closely linked to human actions; what was previously represented in a harmonious way is drastically transformed, thanks to the so-called ‘progress’ of humanity, in an apocalyptic scenario. In dialogue with texts by Darwin and Benjamin, the present reading privileges the analysis of the way in which the Lobatian text represents nature, adopting, in this investigation, an ecocritical bias.

KEYWORDS: Monteiro Lobato. *O macaco que se fez homem*. Era no Paraíso. Ecocriticism.

Formada em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Tem experiência na área de Educação, já tendo trabalhado também com tradução e editoração. Atualmente, vinculada ao programa de Pós-graduação da mesma instituição, realiza o doutorado com ênfase em Estudos Literários, seguindo a linha de pesquisa: literatura, história e crítica. Desenvolve pesquisa sobre a modernidade, o Modernismo e a modernização na obra de Monteiro Lobato, Franz Kafka e Érico Veríssimo.

Introdução

Início esse artigo com um parêntesis. Em seu interior, reflexões sobre uma temática hoje muito cara aos estudos culturais, e sob a qual esse artigo, a partir da análise de um texto ficcional, terá como horizonte: a extinção como hecatombe da vida terrestre. Não me refiro aqui à extinção como um processo intrínseco à própria especiação (pensada por Darwin como parte da dinâmica evolutiva da vida), mas, em seu sentido extraordinário, ao evento denominado por teóricos e estudiosos das ciências naturais – biólogos e geólogos, principalmente – de a Sexta Grande Extinção¹.

Entre suas particularidades, a baixa drástica da diversidade ecológica, mensurada tanto em termos qualitativos, pelo desaparecimento de espécies, quanto quantitativos, referência ao número de mortes de populações. A diminuição da biodiversidade, intensificada sobretudo a partir da segunda metade do século XX, permite conjecturar o Antropoceno – época geológica marcada pelo impacto predatório e destrutivo da espécie humana na Terra – como o tempo de uma nova grande extinção.

Em *Capitalismo e colapso ambiental*, Luiz Marques (2015, p. 375-377) apresenta três características que singularizam a extinção no Antropoceno como, potencialmente, ainda mais "aniquiladora" do que as cinco antecedentes. Dirá o autor que: i) ao contrário da Quinta Extinção, causada por um evento externo – o asteroide

¹ No que a Sexta Grande Extinção difere das extinções "normais" e das cinco anteriores? Em *Sexta Grande Extinção: uma história não natural* (2014, p. 24-25), ao comparar a taxa normal de extinção à extinção em massa, Elizabeth Kolbert nos aproxima de uma possível resposta: "Em tempos normais – conceito que deve ser entendido aqui como épocas geológicas inteiras –, é muito raro ocorrer uma extinção. Mais raro até do que as especiações e só ocorre dentro de um fenômeno que é conhecido como taxa de extinção de fundo. Essa taxa varia de um grupo de organismos para outro e muitas vezes é expressa em termos de extinções por milhão de espécies-anos. Calcular a taxa de extinção de fundo é uma tarefa trabalhosa, que implica passar um pente-fino em bancos de dados completos sobre os fósseis. No que diz respeito ao grupo mais estudado, os mamíferos, foi constatada uma taxa de aproximadamente 0,25 por um milhão de espécies-anos. Isso significa que, considerando que existem cerca de 5.500 espécies de mamíferos vivas hoje em dia, de acordo com a taxa de extinção de fundo podemos esperar – ainda que de modo aproximado – que uma espécie desaparecerá a cada setecentos anos. As extinções em massa são diferentes. Em vez de um zumbido ao fundo, há um estrondo, e as taxas de extinção disparam. Anthony Hallam e Paul Wignall, paleontólogos britânicos que escreveram muitos artigos sobre o assunto, definem extinções em massa como eventos que eliminam uma "parcela significativa da biota global num espaço de tempo geologicamente insignificante". Outro especialista, David Jablonski, caracteriza as extinções em massa como "perdas substanciais de biodiversidade" que ocorrem muito depressa e em "dimensão global".

–, a mais recente é "desencadeada [...] por um processo interno à biosfera", relacionado à expansão do capitalismo, e "à consequente destruição dos habitats"; ii) "longe de significar o domínio de uma espécie sobre as outras, a Sexta Extinção põe em risco a espécie pretensamente 'dominante' pelo colapso da teia de sustentação biológica que lhe permite existir"; e iii) a "excepcional rapidez" com que essa extinção em massa ocorre anuncia a supressão de uma "variável crucial da evolução": "o tempo necessário às espécies para se adaptarem e sobreviverem às mudanças ambientais em curso".

Denunciam, esses aspectos, a existência de uma relação muito íntima entre o sistema político-econômico dominante e o desfalecimento de nossos biomas. O progresso tecnológico, o crescimento da população e o consequente aumento da produção e consumo resultam num imenso desgaste e futura exaustão de nossos recursos naturais.

Por ora, e apenas de maneira provisória, podemos afirmar que o que distingue a Sexta Grande Extinção das demais é ser ela provocada por uma desconformidade "não natural" (para usar aqui a expressão de Kolbert) entre as ações humanas no meio ambiente e o próprio meio ambiente, dito de outra maneira, ser ela uma forma humana de existência que se revela inesperadamente contrária a vida – ou anti-vida. Corroboram com essa avaliação os dados retirados da obra *Capitalismo e colapso ambiental*, de Luiz Marques. Eles mostram o aumento do número de espécies extintas em comparação ao aumento da população humana: em 1950, a população era de quase 3 bilhões, e o número de extinções (de espécies) 20.000; em 2010, com quase 8 bilhões de habitantes, as extinções aumentam para 50.000 (MARQUES, 2015, p. 376). O autor evidencia, assim, essa relação muito próxima, quase proporcional, entre as variáveis.

Fecha-se o parêntesis.

Em 1923, ano de publicação de 'Era no Paraíso...' – conto analisado por este trabalho e o primeiro da obra *O macaco que se fez homem* –, Monteiro Lobato certamente não tinha sua atenção voltada a muitas das questões hoje abordadas e discutidas pela Ecocrítica². Porém, emerge de sua produção, não apenas a de caráter

² Vertente interdisciplinar dos estudos literários descrita, segundo Slovic (1999, p. 6), como a análise de "textos explicitamente ambientais por meio de qualquer abordagem acadêmica ou, inversamente, o escrutínio das implicações ecológicas e das relações homem/natureza em qualquer texto literário, mesmo que esse texto pareça, à primeira vista, não se referir ao mundo não humano".

ficcional, aquilo que se relaciona a uma das preocupações mais caras dessa abordagem: o desassossego e, por vezes, revolta quanto às ações do ser humano na natureza, percebidas, em sua maioria, como nocivas; além delas, os seus desdobramentos, que impactam, ao mesmo tempo, ambiente e aqueles que dele dependem, incluso, assim, os seus agentes subversivos. É o que se vê, por exemplo, em seus artigos 'Urupês' e 'Velha Praga' (1914), seus contos 'A vingança da peroba' (*Urupês*, 1918) e 'O Jardineiro Timóteo' (*Negrinha*, 1920), além de *América* (1932), obra híbrida que mistura elementos do romance de ideias, da crônica social e das narrativas de viagem.

“Era no Paraíso...”, por sua temática e retórica, será analisado considerando os tropos ecocríticos com os quais dialoga, o da Pastoral e o do Apocalipse – tal como designados por Garrard em sua obra *Ecocrítica*³. Esses tropos fazem menção, fundamentalmente, a duas formas de se imaginar o lugar do homem no universo: enquanto aquele situa-o em contato íntimo com a natureza, o último pontua o inevitável fim dessa relação. No conto, a perspectiva pastoral surge através da alusão a um paraíso harmônico, paródia do Gênesis bíblico, indicando uma tentativa de explicar a organização primeira do mundo. O Apocalipse, por sua vez, aparece na representação de um possível fim de todos os tempos, que tem sua origem no nascimento do homem, resultado da queda (literal e metafórica) do macaco. A relação do conto com a tradição judaico-cristão faz-se clara: do Gênesis, resgata-se a presença de um Deus Todo-poderoso, responsável pela criação da vida e de todas as suas formas; do Apocalipse, recupera-se a projeção futura desta humanidade, que por suas atividades caminha para a autodestruição.

1 Era no paraíso: o início

“Era no Paraíso...”⁴ se propõe a narrar os momentos iniciais da criação divina. Situa-se, como o próprio nome antecipa, no Paraíso, referência deliberada a um

³ Nesse texto, publicado em 2004, Greg Garrard separa em tropos ecocríticos as variadas formas como a natureza foi apresentada, imaginada e representada pelos textos ficcionais de diferentes épocas e estilos. Entre os tropos, por ele designados, encontram-se: a Pastoral, o Mundo Natural, o Apocalipse, a Habitação da Terra, os Animais e a Terra.

⁴ “Era no Paraíso...” é o primeiro dos contos da coletânea *O macaco que se fez homem*, obra publicada em 1923. Posteriormente, em 1945, ela foi extinta, tendo seus contos realocados aos livros *Negrinha* e *Cidades Mortas*. Foi apenas em 2008, com a Editora Globo, que a obra voltou a ser publicada em sua versão original.

ambiente passado anterior à existência do ser humano na Terra, e, portanto, de natureza equilibrada – no conto, ao contrário do texto bíblico, a criação do homem não estava nos planos do criador. O título da obra, *O macaco que se fez homem*, já é notadamente uma referência ao tema que será desenvolvido por seu primeiro conto. Nele,

Lobato reescreve o Gênesis, misturando aspectos da tradição bíblica e outros da tradição científica a um arcabouço ficcional que contém traços do melhor do seu estilo. O narrador pretende apresentar “a verdade dos fatos” relativos à criação ou ao surgimento do homem, em substituição às metáforas poéticas de Moisés em sua narrativa bíblica (MARTINS, 2003, p. 347, grifo do autor).

É através do “melhor do seu estilo” – referência ao tom de deboche, uso da ironia e da paródia, traços marcantes da prosa lobatiana –, que o narrador apresenta a origem do mundo, combinando, para tal, elementos da narrativa bíblica aos pressupostos científicos, essencialmente, as teorias evolucionistas de Darwin, amplamente disseminadas nos círculos intelectuais da época do escritor.

No conto, o advento do universo está centrado na existência de um poder divino, capaz de assim como “a luz, as estrelas, o ar, e a água” (LOBATO, 2008, p. 19), criar a vida. Enumera-se, a partir desse momento, várias de suas formas, entre elas: a bactéria e o mastodonte, o musgo e o baobá, a craca e a baleia. Esses pares, não por acaso, ilustram a relação de interdependência que essas espécies mantêm uma com a outra, suscitando, ademais, a reflexão de que a Vida⁵ só acontece por meio de seus inúmeros processos e associações, e não como unidade isolada e independente.

Aos seres somam-se duas “vontades” que permitem a sua conservação, a Fome e o Amor, descritas como “dois apetites tremendos engastados no âmago das criaturas à guisa de moto-contínuo da Perpetuação” (LOBATO, 2008, p. 19). Tal passagem se completa de sentido quando Deus anuncia: “– Comei-vos uns aos outros e nos intervalos amai!” (LOBATO, 2008, p.19); pois é assim que a vida deve prosseguir. Junto a isso, cria-se também o Código da Sabedoria Ingênita, que se configura como uma espécie de gestão da animalidade. Impregnado em todas as

⁵ Ao ser grafada em maiúscula, a expressão “Vida” passa a ser particularizada, adquirindo importância maior no contexto em que está inserida. A Vida, tal como representada, figura um papel maior que o desempenhado pelo homem, assim como independe dele.

criaturas recém-formadas, ele faz com que elas ajam de forma automática, quase irreflexiva, seguindo os princípios da lei "natural" instituída. Mais tarde, esse impulso seria conhecido como Instinto.

Porém, esses nomes ou mesmo o seu registro escrito não haviam sido, segundo a narrativa, concebidos por Deus, quem o faz são os homens, mas como até ali não existiam homens, também não existiam nomes. O narrador lobatiano, de forma irônica, descreve, então, o homem por sua vontade, habilidade e mania de dar nomes às coisas; característica que será, em seguida, criticada por revelar-se um instrumento de poder, utilizado não apenas para subjugar as demais espécies, como também a sua própria, ao estabelecer nela uma hierarquia de valores.

Deus vai nos dizer, em seguida, que tudo no mundo já existia, a gravitação, a concepção do éter, da luz e do calor, ou seja, tudo já existia independentemente da presença do homem, inclusive aspectos da mecânica pura que seriam depois descobertos por cientistas como Newton. Mas o bonito mesmo de toda essa criação repousava na Vida, a vida que era a "obra de arte das mais autênticas, só ela dava medida completa dos imensos recursos do alto engenho de Deus" (LOBATO, 2008, p. 20). Ao dissertar sobre a vida, o narrador se refere ao mundo vegetal e animal, excluindo desse último o homem, ou seja, a vida existe, e bem se organiza, sem ele. Observemos, pois, o modo como ele a caracteriza: "Vida em vida, vida devorando vida, vida sobrepondo-se à vida, vida criando vida... O perpétuo ressoar dos uivos de cólera, berros de dor, guinchos de alegria, gemidos de gozo sonorizando o perpétuo agitar-se das formas" (LOBATO, 2008, p. 20).

Como se vê, a organização da natureza no conto é perpassada por movimentos dinâmicos, conturbados, excitantes e, mesmo, violentos. Nada que lembre a idílica, bucólica e idealizada pastoral, tendência duramente criticada e, por vezes, rejeitada pelos teóricos da ecocrítica contemporânea – entre as queixas, a inclinação dessa tradição em distorcer ou mistificar a história social e ambiental, que conduziu, segundo eles, à legitimação dos sentimentos de perda e alienação da natureza (GARRARD, 2004). No entanto, a representação como um todo compartilha algumas das orientações da pastoral em termos de tempo, como, por exemplo, i) da elegia, que figura "a volta para um passado desaparecido, com sentimento de saudade" – ânimo produzido no leitor, situado num presente bastante distante daquele figurado; ii) da utopia, que "almeja um futuro redimido" (GARRARD, 2004, p. 60) – projetado pela possibilidade de Jeová frear as ações do macaco lesado, que conduzirão, como

anunciado, ao declínio da Vida na Terra; e iii) da proléptica, que faz menção a um fato situado num tempo ainda incógnito – alusão à gênese não referenciada da vida no universo.

À vista disso, pode-se afirmar que a figuração da natureza no conto ajusta-se a ideia de natureza longínqua, selvagem e intocada, que não mais existe ou voltará a existir, mas que, em seu universo ficcional, eterniza-se em meio a processos contínuos que se autorregulam de acordo com suas próprias necessidades e leis de funcionamento, sem que, para isso, precise ser dominada ou domesticada. A natureza é, portanto, uma força não passiva, que permanece, a despeito, inclusive, da vontade de seu próprio criador, reforçando, uma vez mais, a ideia de que a Vida é uma existência livre e autossuficiente dentro de sua organização.

Porém, toda essa realidade, até então apresentada, está prestes a mudar. Num dia, por ação do vento, um dos chimpanzés, do casal de chimpanzés que estava em cima de uma árvore, perde o equilíbrio e se precipita de cabeça ao chão. Esse tombo poderia ter sido algo natural se não houvesse ao pé da árvore uma grande pedra, na qual o crânio do chimpanzé se choca. Apesar de toda a situação, o chimpanzé não morre, sai apenas lesionado. Os efeitos da “seríssima lesão”, que nem Jeová pudera prever, faz com que esse macaco mude de temperamento, e inicie, desta forma, seu movimento de humanização, processo depreciado pelas ironias do narrador.

De modo a refutar certos preceitos da teoria darwiniana, o conto explica a existência humana não como um desenvolvimento evolutivo vantajoso, que ocorre de forma lenta e gradual, escolhendo, através de um processo de seleção natural⁶, as variedades mais favoráveis à adaptação, sobrevivência e evolução; antes, opta por representá-la a partir de uma Queda, evento que objeta tanto o conteúdo da narrativa bíblica, quanto alguns dos pressupostos evolucionistas. O resultado do acidente é um macaco transfigurado, que dá “de elaborar uns mostrengozinhos, informes, aos quais, com alguma licença, caberia o nome de ideias” (LOBATO, 2008, p. 22).

O surgimento do ser humano como fruto do Acaso configura-se, além, como uma subversão à concepção antropocentrista, para a qual tudo aquilo que está contido

⁶ Um dos principais mecanismos de evolução. De forma simples, a seleção natural garante que os seres mais aptos a viver em determinado ambiente, sejam selecionados, circunstância que faz com que eles evoluam. “A importância da teoria da descendência com modificação por seleção natural reside, sobretudo, na mudança de perspectiva que ela trouxe, a ponto de se tornar possível uma nova ciência, a biologia, fundada no princípio de que os organismos são unidades constituídas historicamente, da combinação e da variação de certas componentes que os perfazem” (PIMENTA *apud* DARWIN, 2018, p. 31).

no universo só existe com o propósito de servir ao homem. Ideia essa reforçada, ou mesmo, motivada pelo conteúdo da narrativa bíblica: "E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: "Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra" (GÊNESIS, 1:28). A relação entre a pastoral e a percepção judaico-cristã de mundo também é observada por Lynn White Jr. (1996, p. 10), para quem

[...] o cristianismo, em contraste absoluto com o antigo paganismo e com as religiões da Ásia (talvez com exceção do zoroastrismo), não apenas criou um dualismo do homem e da natureza, como insistiu também em que é vontade de Deus que o homem explore a natureza para seus próprios fins.

White chama atenção para a visão dualista da humanidade e da natureza propagada por essa religião, postulando a tese de que o cristianismo é uma doutrina perigosamente antropocêntrica. Defende o autor, na sequência, que "continuaremos a ter uma crise ecológica cada vez pior, enquanto não rejeitarmos o axioma cristão de que a natureza não tem outra razão de ser senão servir ao homem" (WHITE JR., 1996, p. 14).

Essa dupla 'corrupção' (dos textos bíblico e darwiniano) reflete, a nosso ver, um questionamento por parte da narrativa lobatiana quanto à legitimidade do protagonismo (de parte) da espécie humana – conjuntura historicamente produzida – em relação aos demais seres e ambientes em que vivem.

2 Era no paraíso: o fim

O começo do fim, na narrativa, é marcado pela enumeração das inúmeras indecisões que agora perturbam o agir desse macaco. Alude-se, por exemplo, à análise meticulosa de seus alimentos, ao cálculo da distância e força de seus movimentos, ao desejo em relação às outras macacas, à mudança de sua dieta alimentar, ao andar sobre as patas traseiras e, ainda, à construção de uma nova morada (LOBATO, 2008). Essas novas atitudes, diretamente relacionadas às suas inquietudes e descontentamentos, são próprias, como enfatiza o conto, à sua natureza humana (em processo de formação), que se distancia, gradualmente, de sua natureza animal. Da forma como descrita, a transformação não está relacionada a um movimento de evolução, ao menos, não no sentido de superação positiva da condição

anterior. O narrador, de forma sarcástica, deprecia essa mudança, para ele, animalizar-se é melhor do que se humanizar.

Nasce no macaco, com a lesão, o que o narrador chama de inteligência, a qual avalia negativamente, associando-a a uma doença contagiosa que, transmitida, de geração para geração, será, a longo prazo, responsável por modificar toda a superfície terrestre. Escolhe, deste modo, representar a inteligência por suas características nocivas, com destaque para os impactos que ela causará à natureza: a submissão de todos os animais, a destruição das florestas e a devastação dos mares e solo (LOBATO, 2008). Segundo esta avaliação, o ser humano traz consigo a ruína, instaurando-se como uma espécie de praga que contribui, inclusive, para a exploração de sua própria espécie; a partir de suas ações, tudo começa a mudar, e mudar para pior.

Outra crítica à suposta inteligência do macaco está no fato de ser ela uma inteligência sem memória, já que, segundo o conto, o homem sempre esquecerá. O resultado é mais uma longa lista de acontecimentos catastróficos, que incluem a criação de armas de alto poder destrutivo e a eclosão de guerras. A inteligência do homem, afirma o narrador, "não conseguirá nunca resolver nenhum dos problemas elementares da vida [...] não saberá comer [...] não saberá morar [...] não resolverá o problema da vida em sociedade, e experimentará mil soluções, errando em todas" (LOBATO, 2008, p. 26). O homem é, pois, um grande fator de instabilidade do meio, ao invés de somar à sua dinâmica, subtrai.

Após versar sobre a série de ações futuras a serem realizadas pelos homens, Jeová ainda afirma que eles jamais alcançarão a única arte que ele implantou no Éden: "a arte de ser biologicamente feliz" (LOBATO, 2008, p. 26). A inteligência do macaco é, assim, apresentada em oposição ao instinto (à natureza dos animais); seus pensamentos, embora rudimentares, já que a inteligência apenas começava a se formar, não se fundamentam mais apenas na luta pela sobrevivência (Fome) e no instinto de procriação (o Amor), os dois pilares instituídos pela criação divina. As novas e estranhas ideias deixam entrever suas principais motivações, assim como, uma das consequências do governo dos homens na Terra:

E organizarão o parasitismo na própria espécie, e enfeitar-se-ão de vícios e virtudes igualmente antinaturais. E inventarão o Orgulho, a Avareza, a Má-fé, a Hipocrisia, a Gula, a Luxúria, o Patriotismo, o

Sentimentalismo, o Filantropismo (...) – esquecidos de que eu não criei nada disso e só o que eu criei é. (LOBATO, 2008, p. 26)

Segundo a narrativa, todas essas características "antinaturais" participam do colapso da – e causado pela – espécie humana na Terra, configurando-se como um prenúncio do Apocalipse que, em seguida, será representado através da revelação que Gabriel tem ao abrir a cortina do futuro:

E viu, entremeio à multidão, homens armados, tangendo o triste rebanho a golpes de espada ou vergalho. E viu uns homens de toga negra que liam papéis e davam sentenças, fazendo pendurar de forcas miseráveis criaturas, e a outras cortar a cabeça, e a outras lançar em ergástulos para o apodrecimento em vida. E viu homens a cavalo, carnavalescamente vestidos, empenachados de plumas, que arregimentavam as massas, armavam-nas e atiravam-nas umas contra as outras. E viu que depois de tremenda carnificina um grupo abandonava o campo em desordem, e outro, atolado em sangue e em carne gemebunda, cantava o triunfo num delírio orgíaco, ao som de músicas marciais. E viu que os homens de penacho organizadores das chacinas eram tidos em elevadíssima conta. Todos os aplaudiam, delirantes, e os carregavam em charolas de apoteose. E viu que a multidão caminhava sempre inquieta e em guarda, porque o irmão roubava o irmão, e o filho matava o pai, e o amigo enganava o amigo, e todos se maldiziam e se caluniavam, e se detestavam e jamais se compreendiam... (LOBATO, 2008, p. 28)

A visão descortinada, que à primeira vista alude ao fim de todos os tempos e, portanto, à ideia de Apocalipse, é antes a antecipação dos desdobramentos do reino dos homens na Terra. O que Gabriel vê é uma caravana de chimpanzés pelados rumo ao desconhecido, estes grandes, aqueles pequenos, uns loiros, outros negros, nada "que recordasse a perfeição somática dos outros viventes, tão iguaizinhos dentro do tipo de cada espécie" (LOBATO, 2008, p. 27).

A figuração de viés cômico evolui pouco a pouco para o escárnio que tem seu ápice no momento da apresentação dos chefes desse povo, descritos como: "seres de escol, semideuses lantejoulantes, vestidos fantasiosamente, pingentados de cristaizinhos embutidos em engastes metálicos, com penas de aves na cabeça, cordões e fitas, crachás e miçangas" – líderes que conduzem sem saber para onde (LOBATO, 2008, p. 28). Para além do seu semblante físico, ridiculariza-se também a sua posição de poder. O uso recorrente da ironia revela a crítica à validade e à serventia desses que, por suas ações, deveriam guiar a humanidade para um futuro

melhor, mas que, ao contrário, levam-na à decadência, exemplificada pelas várias carnificinas que ocorrem em meio à caravana.

Horrorizado, Gabriel fecha a cortina do futuro e pede a Deus que corte o mal pela raiz, expulsando de vez aquele chimpanzé lesado, com o intuito de, assim, evitar o desastre. A figura de Deus, agora muito próxima da representação bíblica – vaidosa, egocêntrica e, em certa medida, tirânica –, se exime da responsabilidade, atribuindo-a ao Acaso e deixando à sua incumbência o destino de todos os seres.

A forma como são representados tanto o Anjo Gabriel quanto aquilo que ele vê ao espiar através da cortina do futuro (ou seja, um momento da humanidade), dialoga com a maneira como Walter Benjamin entende o conceito de história e a ideia de progresso. O trecho aqui destacado é a nona tese de seu ensaio “Sobre o Conceito de História”:

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a seus pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso. (BENJAMIN, 2012, p. 245-246).

Há nesse trecho uma visão melancólica do processo histórico, apresentado como um ciclo incessante de desespero. O “anjo da história” é, para a sua teoria, apenas a ponta do iceberg de uma crítica maior direcionada ao progresso e ao historicismo. Para o autor, o progresso constitui-se como um processo superficial de custos incalculáveis a serem pagos pela humanidade, a qual parece ignorá-los. O desenvolvimento humano, por sua vez, aconteceria como resultado de muitas forças opressivas e narrativas tendenciosas, reportadas sempre do ponto de vista dos vencedores.

Através desse ensaio, o autor faz uma reflexão sobre a forma como a história é contada: não a partir de fatos ou acontecimentos, mas como um aglomerado de ruínas e catástrofes. O anjo representaria, assim, o espanto ante à humanidade sendo

arrastada por um progresso subversivo, que também tem sua origem na inteligência sem memória. A nosso ver, essa visão e a sua reação diante dela são muito próximas daquelas que Gabriel têm ao abrir a cortina do futuro.

Ao que tudo indica, tanto Lobato em “Era no paraíso...”, quanto Benjamin em sua nona tese, pensavam o “progresso pelo progresso” como um movimento contraproducente, mostrando-se bastante pessimistas quanto aos seus frutos⁷. O olhar desse ser celestial, o anjo Gabriel para Lobato e o anjo de Klee para Benjamin, revelaria, pois, o rosto da história – pregressa para este, futura para aquele – e o seu sentido; ambos temem a história, olham para ela e se assustam, motivo pelo qual se afastam.

No conto, a decadência da natureza, que somente ocorre como projeção no futuro, está intimamente ligada às ações humanas; aquilo que antes é representado de forma harmoniosa transforma-se drasticamente (graças ao chamado “progresso” da humanidade) em um cenário dantesco e desolador, em que, como últimas consequências, e como dito anteriormente, o ser humano acaba por organizar o parasitismo da própria espécie.

Ao assumir a forma de uma “revelação do fim da história”, na qual “imagens violentas e grotescas” de um mundo transformado se justapõem (THOMPSON, 1997, p. 13), “Era no paraíso...” filia-se à tradição literária de temática apocalíptica, normalmente designada como “literatura apocalíptica”. Essa corrente, como vemos a partir da narrativa lobatiana, liga-se necessariamente à imaginação, já que o cenário por ela apresentado contempla o que supostamente estaria por vir.

O retórico Stephen O’Leary (1994, p. 68) sugere que o drama do apocalipse é moldado por uma estrutura de aceitação, que pode ser tanto cômica quanto trágica:

⁷ Não é a primeira vez que a obra lobatiana faz críticas ao progresso desenfreado e aos seus agentes. É o que acontece, por exemplo, em ‘O jardineiro Timóteo’, conto de *Negrinha*, que revela muito sobre o processo de modernização brasileira, mostrando através da figura do jardineiro e de suas histórias (as narrativas criadas em seus jardins de flores) um embate entre a tradição e a modernidade. O elemento moderno, aquilo que vem da cidade e desagrade a Timóteo (representante de uma tradição), ameaça a sua existência, que já está com os dias contados. Além disso, há nos capítulos finais de *América* a menção a Thoreau e a sua experiência. Quando este autor norte-americano é apresentado na narrativa, passamos, como leitores, a questionar toda a modernização até ali, em grande parte, celebrada (mas se a modernização é tão boa, por que se refugiar nas matas?). Os processos de modernização o sufocavam. Nesse rol, a obra denuncia o consumismo exagerado, a perda de individualidade, o mal-estar social, a infelicidade e o controle dos indivíduos por corporações.

A tragédia concebe o mal em termos de culpa; seu mecanismo de redenção é a vitimação, e sua trama avança inexoravelmente para o sacrifício e para o culto da matança. A comédia concebe o mal não como culpa, mas como erro; seu mecanismo de redenção é o reconhecimento, em vez da vitimação, e sua trama não se move em direção ao sacrifício, mas à renúncia da falibilidade.

No conto de Lobato, identificam-se elementos das duas estruturas. Da tragédia, tem-se o avanço em direção ao sacrifício e ao culto da matança, representados pela visão futura dos massacres que ocorrem em meio a multidão de homens armados, descendentes todos da prole do macaco lesado. Da comédia, a concepção do mal como um erro (humano, divino ou de ambos) e a trama que se move em direção à renúncia da falibilidade, que quase acontece na narrativa não fosse a curiosidade divina, desejosa em saber "até que extremos se desenvolverá essa criatura aberrante e alheia aos [seus] planos" (LOBATO, 2008, p. 28).

Garrard (2004, p. 125) afirma que a retórica apocalíptica, com sua "ênfase no 'desvelamento' da verdade trans-histórica", configura-se como um elemento necessário "ao discurso ambientalista", já que capaz de "eletrizar os militantes, converter os indecisos e, quem sabe, em última instância, influenciar o governo e a política comercial" (GARRARD, 2004, p. 149). Ao apresentar sua própria releitura do Apocalipse, e ao deixar em aberto a possibilidade de sua ocorrência no conto – ou seja, se aquilo que Gabriel vê se configura de fato como o fim dos tempos, ou se é apenas um de seus estágios precursores –, a narrativa talvez queira nos dizer que aceitar que o mundo possa sobreviver, apesar das inúmeras tentativas intencionais ou não de exauri-lo, é, na verdade, uma forma de imaginar que o universo e a humanidade têm um futuro, pois somente a adesão a essas ideias permite assumir uma responsabilidade maior sobre o seu destino.

Conclusões

Em *A imaginação ambiental* (1995), Lawrence Buell afirma que os critérios ecocríticos de sua geração teórica (isto é, aqueles que determinam se uma obra pode ou não ser classificada como Ecoficção) são, de um lado, amplos demais, englobando qualquer texto literário que representa a "natureza"; e, de outro, muito limitados, excluindo quase todas as obras que não tenham clara orientação ecológica. Insatisfeito, o autor recomenda os seguintes preceitos:

- i) o meio ambiente não humano faz-se presente não só como recurso de composição, mas como uma presença que começa a sugerir que a história humana está implicada na história natural [...].
- ii) o interesse humano não é entendido como o único interesse legítimo [...].
- iii) a responsabilidade humana pelo meio ambiente faz parte da orientação ética do texto [...].
- iv) encontra-se pelo menos implícita no texto uma certa ideia de meio ambiente como um processo, e não como uma constante ou dado. (BUELL, 1995, p. 7-8)

Longe de afirmar que “Era no Paraíso...” satisfaz integralmente aos critérios de Buell, e que se configura como Ecoficção, defendemos apenas que, em muitos de seus pontos, ele atende às expectativas, o que nos autoriza a realizar uma leitura de viés ecocrítico nessa obra. Em primeiro lugar, a natureza é aqui, para além de um recurso de composição e ambientação, um elemento que precede e existe de forma independente à vida humana; quando o homem surge na narrativa, sob a forma primitiva de macaco lesado, é com ela que ele se relaciona, sugerindo, portanto, que sua história está implicada na história natural. Em segundo, o interesse humano, que divide o palco com o “natural” e o “divino”, é antes criticado pelo narrador e personagens do que privilegiado. Em terceiro, denunciam-se de forma veemente as ações do homem no mundo, responsável por todos os males e destruições causadas ao meio e à própria espécie, assim como, pelo possível Apocalipse. Por último, o meio natural é descrito como um sistema em constante transformação e autorregulação.

A forma como o meio ambiente e a humanidade são representados nesse conto, aproxima-o, na verdade, de uma das correntes mais radicais da ecocrítica, a Deep Ecology, que defende, entre outros pressupostos, o reconhecimento do valor intrínseco da natureza, ou seja, o reconhecimento de um sistema de valores centrado na natureza, independente de sua utilidade para fins humanos. Assim como a narrativa, a Deep Ecology também critica o antropocentrismo e os seus produtos, entre eles, a já mencionada Sexta Grande Extinção.

Intrinsecamente antropogênica, mais especificamente “capitalogênica”, a Sexta Grande Extinção figura-se como um processo letal ao mesmo tempo anti-evolucionário (uma vez que ameaça a continuidade da vida na Terra) e autodestrutivo (pois acaba também com seus agentes catalisadores). Trata-se, então, de uma espécie de fascismo que se baseia fundamentalmente em um “desejo de morte e extermínio, a um só tempo, do sentido e de qualquer forma de alteridade [seja externa

ou interna, humana ou não-humana]” (DANOWSKI, 2018, p. 7). Como testemunhamos, dia após dia, o fascismo se constitui como a política oficial do Antropoceno; e é curioso observar como suas sutilezas foram, quase um século antes dessas discussões estarem em voga, captadas pela narrativa lobatiana, através, principalmente, da representação desse homem evoluído, fruto do macaco lesado.

Nesse conto, a expressão “evoluir”, caso usada de maneira positiva, não simboliza aquilo construído pela humanidade, evoluir parece estar bem mais próximo da ideia de ser biologicamente feliz, algo que só é alcançado por seres não evoluídos no sentido atribuído por Darwin. A humanidade com sua racionalidade e inteligência acaba servindo como força desestabilizadora do ambiente; o homem evoluído não passa, afinal, de um macaco lesado.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BÍBLIA, A. T. Gênesis. In *BÍBLIA*. Português. Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos. Trad. José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

BUELL, Lawrence. *The Environmental Imagination: Thoreau, nature writing and the formation of American culture*. Londres: Princeton University Press, 1995.

DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. Trad. Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Ubu, 2008.

DANOWSKI, Deborah. *Negacionismos*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Trad. Vera Ribeiro. Brasília: UNB, 2004.

KOLBERT, Elizabeth. *A sexta grande extinção: uma história não natural*. Trad. Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos da metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LOBATO, Monteiro. *O macaco que se fez homem*. São Paulo: Globo, 2008.

MARQUES, L. *Capitalismo e Colapso ambiental*. São Paulo: Unicamp, 2015.

MARTINS, Milena Ribeiro. *Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos*. 2003. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em:

<<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270369>>. Acesso em: 31 mai. 2022.

O'LEARY, S.D. *Arguing the Apocalypse: a theory of millennial rhetoric*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

SLOVIC, S. Ecocriticism: containing multitudes, practicing doctrine. In: *ASLE News*, Spring 1999. p.5-6. Disponível em: <www.asle.org/assets/docs/roundtable.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2022.

THOMPSON, D. *The end of time: faith and fear in the shadow of the Millennium*. Londres: Minerva, 1997.

WHITE, Lynn, Jr. *The historical roots o four ecologic crisis*. Athens, Georgia: University of Georgia Press, 1996.

Recebido em 29/07/2022

Aceito em 29/12/2022

Publicado em 30/12/2022